



O Património Industrial de Macau (até 1999)

Estudo das Fábricas de Panchões

VÍTOR TEIXEIRA



* Doutorado em História pela Universidade do Porto, com Pós-doutoramento em Teoria das Artes na Universidade de Roma La Sapienza e na Universidade Católica Portuguesa (Porto), é investigador no Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes desta última. É Professor Auxiliar na Universidade de S. José, Macau, e na Universidade Católica Portuguesa (Porto).

Ph.D. in History from Oporto University, with Post-doctorate in Theory of Art at the University of Rome La Sapienza and Catholic University of Portugal (Porto). He is researcher at the Centre for Research on Science and Technology of Arts at the same university in Portugal. He is Assistant Professor at the University of St. Joseph in Macao, and the Catholic University of Portugal (Porto).

NOTAS SOBRE A INDÚSTRIA EM MACAU

Último quartel do século XIX. A pacata colónia portuguesa de Macau acordava todas as manhãs como uma aguarela de Chinnery. Tranquila, plácida, recortada pela fachada das casas europeias e pelas torres sineiras das igrejas e capelas, velas de juncos e pequenas embarcações enxameando entre os braços do rio da Pérola. As ruas palmilhadas de um formigueiro humano que se adensava, os sinos tangendo para as missas, os incensos queimando nas portas e templos, uma cidade que despertava. Não muito grande, a cidade. Mas, apesar dessa atmosfera bucólica de um inspirador remanso luso-chinês, a cidade, no seu pulsar, nas ruas e recantos, era buliçosa, activa, animada. Nas ruas como nos interiores. Onde se lançavam as bases de uma insípida industrialização que se tornaria em algo consistente e lucrativo com o tempo. O tempo de Macau, naquele tempo. Pacato na aparência, dinâmico na realidade, no quotidiano. Do outro lado do rio das Pérolas, uma cidade nascia, pujante, intrépida, fadada para um futuro que se confirmaria brilhante: Hong Kong. Mas Macau nunca adormeceu na alvorada do dia. E a indústria, ainda que em moldes locais e com idiossincrasias próprias, marcou o devir do território, ligando o passado com o futuro e criando as bases materiais para o renascimento económico de Macau, já bem depois da Guerra do Pacífico. Porque Macau nunca adormeceu.

O desenvolvimento comercial e marítimo em Macau, no último quartel de Oitocentos, estimulou as autoridades a incrementarem a industrialização do território. Assim, podemos dividir o desenvolvimento industrial de Macau em três etapas¹: primeira industrialização (1890-1950); indústria ligeira para exportação (1960-1980); deslocalização para a China (Zhuhai) (até 1999 e *a posteriori*). As duas primeiras fases poderão mesmo assumir-se como uma só, do ponto de vista dos produtos maquinofacturados, do carácter artesanal e da persistência de técnicas e até conceitos artesanais, além do enquadramento social e económico, tipo de gestão e património industrial. Todavia, alheados da participação no governo do território, a comunidade chinesa não deixou de ter o protagonismo no investimento e desenvolvimento industrial em Macau, com impulso e empreendedorismo, mas também sem as taxas aduaneiras dos mandarins e autónoma em relação ao sistema comercial de Cantão.

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE



Na China, nessa altura, à medida que o século XIX terminava, assistia-se à introdução de novos conceitos industriais do Ocidente, os quais se combinavam com as ancestrais tradições manufactureiras chinesas, em cidades como Cantão, Xangai, Nanquim ou até a emergente Hong Kong. Macau não fugiu a esses ventos do Ocidente, à sua fusão com as tradições artesanais chinesas. Toda uma classe industrial chinesa despontou então, com capital e experiência, *know-how*, desejosa de criar relações económicas com o Ocidente. O território de Macau pontificava aqui como uma mais-valia, pela sua tradicional e importante relação com os mercados ocidentais. Muitos desses investidores chineses vieram então para Macau, para expandirem negócios, mas em parte também para fugirem às convulsões e conflitos políticos e militares na China.

Ligações abertas e fáceis com o Ocidente, segurança, paz, inexistência de taxas aduaneiras, autonomia económica, eis alguns dos factores de atracção de Macau para investimento industrial. Surgiram assim os têxteis e vestuário, mas também se deu um incremento e “modernização” das antigas actividades de construção naval e das pedreiras, da produção de óleo de ostra, dos incensos (*joss sticks*), fósforos e da pirotecnia. Nesta última, com grande peso cultural e histórico, assinala-se

o fabrico de fósforos, pivetes e, claro, dos panchões. Os panchões foram talvez a mais emblemática e singular das indústrias de Macau. Os têxteis e vestuário ganharam acima de tudo maior importância a partir da Guerra do Pacífico, até as actividades económicas dos casinos e turismo se imporem definitivamente na economia do território. Mas refira-se que chegaram a existir 183 fábricas no território, nos anos 70, tendo gerado nessa década c. 900 milhões de patacas de lucros em exportações, atingindo o auge na década de 80, até 1991, dir-se-ia, quando existiam mais de 880 fábricas, com várias delas empregando cada uma mais de 500 trabalhadores. Lucros elevados, empregabilidade alta, mas a concorrência de outras indústrias, novas como antigas, outras actividades económicas também, além das deslocalizações de unidades fabris e a concorrências de outros países, como a própria China, bem como os salários pouco atractivos, ditaram o declínio dos têxteis ao longo dos anos 90, fechando-se fábricas atrás de fábricas. Mas a economia industrial de Macau manteve-se, embora não tenha sobrevivido muito para além do apagamento dos têxteis. Mas falámos da existência de outras indústrias concorrenciais dos têxteis, novas como mais antigas, mas geradoras de lucros e atraindo mão de obra, investimentos. Uma delas, histórica, sobrevivente, importante, culturalmente referencial, já referimos, eram os panchões.

OS PANCHÕES EM MACAU. TRADIÇÃO E MEMÓRIA DE UMA INDÚSTRIA

A primeira fábrica de panchões em Macau data, ao que parece, de 1880. Na primeira metade do século XX, os panchões eram, já, de facto uma das principais actividades económicas de Macau, a par da pesca, por exemplo. Foi grande o impulso dos panchões na economia do território, como o foi no aspecto social, com benefícios para a população, principalmente os operários chineses e respectivas famílias. Negócio rentável, ocupou milhares de postos de trabalho. Numa população de cerca de 100 000 habitantes, até à Guerra do Pacífico, foi provavelmente a indústria mais empregadora, antes da concorrência dos têxteis.

Em 1910 sabe-se que já existiam sete fábricas em laboração. No ano de 1923 instalou-se na Taipa, a fábrica Kwong Heng, na estrada de Cheong Sa, tendo entrado nas autoridades militares da ilha mais três

requerimentos para instalação de novas fábricas de panchões. O que se pode ler como uma demonstração do fomento crescente desta indústria. Foram aprovadas as petições, mas apenas depois de salvaguardada a segurança das populações residentes, um imperativo associado a esta indústria considerada perigosa. Uma das licenças foi concedida a Tang Pec Tong, que a instalou nas cercanias do templo de San Pou, adquirindo alguns edifícios em ruínas nas redondezas e juntando parcelas na zona envolvente, não longe da rua Nova, perto da Vila da Taipa. Baptizou então a fábrica com o nome de “Iec Long”. 1923 fica pois marcado como o ano da entrada das fábricas de panchões na Taipa, cerca de 35 anos depois das primeiras na Península de Macau. A Taipa, menos povoada, defendida por elevações de

terreno e arvoredos espessos, com o mar sempre perto (então...), oferecia condições de segurança superiores a Macau, mais densamente urbanizada e cada vez com menos espaços verdes, sem tantos recursos hídricos ou áreas virgens em termos de implantação urbana. A florestação das ilhas da Taipa e Coloane (introdução da *Ficus Rumphii BI*, originária da Índia) oferecia ainda mais atractivos para estas fábricas lucrativas por ali se instalarem. As mesmas fábricas de panchões foram, na verdade, um dos principais estímulos à florestação das ilhas com aquelas espécies arbóreas, que se tornaram referentes botânicos no território.

Em 1932, entretanto, a produção de panchões pontuava já entre as mais importantes indústrias em termos de produção e lucros, mesmo em efectivo

Organização da fábrica Iec Long: 1. Porta e muro de protecção da fábrica; 2. Parte administrativa e área de recepção de encomendas/pacotes; 3. Armazém para produtos não inflamáveis, como fogos de artifício hexagonais; 4. Área de distribuição de papelão; 5. Templo de Lei Cheng; 6. Armazém para produtos não inflamáveis, como papelão, cola, etc.; 8. Oficina de montagem das mechas nos panchões; 9. Oficina mecânica de mistura de pólvoras; 10. Oficina manual de mistura de pólvoras, com eirado exterior de secagem dos produtos; 11. Área de produção e corte das mechas (rastilhos ou *starters*); 12. Oficina de inserção de pólvora em caixas contedor, um espaço altamente perigoso na fábrica; 13. Área de adição de cola nas mechas/rastilhos; mais tarde residência e escritórios; 14. Canal; 15. Lago; 16. Rastilhos/*Starters* de “pó amarelo” e “contactos”; 17. Área de compactação de cartuchos de papel; 18. Estábulo; 19. Vacas; 20. Arrecadação de pólvoras misturadas; 21. Lado Norte da demolida Avenida Olímpica; 22. WCs; 23. Fabrico de rastilhos/mechas. Planta amavelmente cedida pelo Arq. Francisco Vizeu Pinheiro.



PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

de mão-de-obra, destinando-se maioritariamente à exportação. Entre 1930 e 1932, quatro novas concessões de fabrico de panchões foram autorizadas, na rua do Campo, em Macau, num contexto de malha urbana mais densa e habitada. E, logo depois, outras duas mais, a segunda das quais em 1936 na Taipa, não muito longe da Iec Long. O senhor Tang Pec Tong recebeu, nesse ano, entretanto, uma concessão para mais cinquenta anos de actividade na Iec Long, adicionando terrenos sucessivamente ao perímetro da fábrica, sempre em expansão. Como o negócio dos panchões, aliás, que conhecia novas marcas e fábricas, mais actividade, mais empregabilidade.

As fábricas achavam-se em lugares afastados da cidade, em terrenos mais ou menos isolados nas primeiras décadas de Novecentos, como a Kong Heng Long, na parte Norte de Macau (actual Av. de Sidónio Pais). A maior de todas as fábricas, todavia, a famosa Kong Hin Tai, situava-se na ilha da Taipa, isolada da

vila homónima. Estava dotada de boas condições de segurança e de trabalho, com grande capacidade de produção, na ordem dos sete milhões de panchões diários, empregando um milhar de operários. Por aqui calcule-se a produção e empregabilidade deste sector. Depois virá a mais famosa das fábricas, a Iec Long, na Taipa, hoje abandonada mas a única que apresenta ainda o conjunto edificado mais "intacto". Chegou a empregar mais de 600 operários, no seu apogeu nos anos 60/70, quando esta indústria começaria a declinar.

Nos anos 30/40 iniciou-se um abrandamento da actividade, com a Guerra do Pacífico (Segunda Guerra Mundial), em latência primeiro, perante a ameaça nipónica e uma diminuição do "consumo" de panchões, em virtude da ocupação gradual da China e do estado de guerra que se manifestava cada vez mais. Depois da Guerra, dramática em Macau (apesar de ter sido território neutro, mas cercado e estrangulado pelos japoneses), o negócio dos panchões poderemos

afirmar que "explodiu" no território, pois foi proibido na China (a partir de 1949) e também em Hong Kong, aumentando o carácter quase exclusivo do fabrico daqueles artificios pirotécnicos na Cidade do Nome de Deus e suas dependências. O número de fábricas em Macau enxameou, apesar dos acidentes. Mas, cerca de duas décadas depois, abrandaria.

Em 1960 já só existiam apenas dez fábricas. Desde fins da década de 50 que a indústria registava, com efeito, um certo arrefecimento. A nova indústria de Macau, o jogo, os casinos, o turismo, viriam tomar conta progressivamente do território, começando a enfraquecer algumas indústrias tradicionais, ainda que algumas, como os têxteis, ainda estivessem com relativa pujança.

A primeira comissão de estudos do património de Macau data desse ano de 1960: curiosamente, "esqueceu-se" das fábricas de panchões, como sucessivamente acontecerá, em sede de outras comissões. Os anos 60, da Revolução Cultural Chinesa, afectariam também algumas das antigas tradições chinesas, como é o caso dos panchões. A par dessas transformações políticas e sociais, registou-se o incremento urbanístico da ilha da Taipa, nessa década como nas vindouras, potenciado pela abertura da primeira ponte, "Governador Nobre de Carvalho", em 1975, a qual provocou a atracção de mais locatários para a Taipa, com mais urbanizações. Os terrenos arborizados e imensos das fábricas de panchões estavam mesmo ali à mão, inactivos, livres, oferecendo espaço de construção e especulação imobiliária, a par dos aterros que se consolidavam por todo o lado. Nos anos 80, uma a uma, as fábricas parariam a sua produção, fechando, deixando esqueletos em pedra e alvenaria, betão, para serem devorados pelos camartelos do progresso urbanístico, da ávida ocupação dos poucos espaços livres.

Na década de 1990, a indústria dos panchões praticamente acabou em Macau, a exemplo do que sucedeu na emblemática Iec Long, na Taipa.

Recordemos ainda na história desta indústria os incêndios e explosões que deixaram marcas na cidade e nas ilhas, mas também em alguns edifícios das antigas fábricas que ainda hoje subsistem, a maioria parcialmente, as quais urge preservar, património industrial que importa conservar e enquadrar na memória do território, antes que se transformem em soluções construtivas que em nada têm a ver com o passado industrial. Além do património material,



Fábrica no Porto Interior. Um icone desta zona. O edifício resistiu até aos nossos dias.



importa salientar a importância imaterial e de memória desta indústria na população de Macau, pois boa parte desta vivia essencialmente da indústria de panchões e da pesca, além das pedreiras e estaleiros em Coloane. Os panchões, por si mesmos, eram de facto um dos principais produtos de exportação do território para as comunidades chinesas espalhadas pelo mundo, a partir da produção das várias fábricas de panchões, entre as quais se destacam a Iec Long e a Kwong Hing Tai.

As exportações de panchões representavam, na sua época de produção, uma generosa entrada de divisas na economia de Macau, na qual tinha forte peso. Eram exportados via Hong Kong para o principal importador, os EUA. Austrália, Singapura e Canadá eram outros importadores assíduos dos panchões *made in* Macau, além das comunidades chinesas ultramarinas no Sudeste Asiático.

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

PROCURATURA DOS NEGÓCIOS SINICOS

EDITAL

O bacharel Antonio Marques da Oliveira, procurador dos negocios sinicos, por Sua Magostada Fidelissima que Deus guarde, etc.

Faço saber que os chinas Li-On-Iun, e Leong-Von-Hin requereram licença para fundar na casa n.º 4 sita no Tanque dos Mainatos um estabelecimento de *pan-choens*, o qual na tabella annexa ao reg. de 21 de outubro de 1863 é comprehendido na 1.ª classe como perigoso de explosão e incendio. Nos termos do art. 6.º do mesmo decreto são convidados as auctoridades publicas, chefes e gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamarem por escripto no prazo de 30 dias, perante esta procuratura, contra a referida fundação, não podendo allegar outro fundamento que não seja o interesse da saude publica, o segurança individual e da propriedade ou o incommodo dos vizinhos.

E para que cheque ao conhecimento de todos mandei affixar este nos logares publicos do costume.

Macau, procuratura dos negocios sinicos, 29 de novembro de 1881.

O procurador,
Antonio Marques d'Oliveira.

大西
洋
欽
命
澳
門
理
事
官
辦
理
華
政
事
務
何
為
示
知
事
案
據
李
漢
源
梁
旺
賢
稟
求
准
在
竹
仔
室
第
四
號
屋
開
設
爆
竹
廠
等
情
查
一
千
八
百
六
十
三
年
十
月
廿
一
日
章
程
附
單
內
第
一
等
款
所
言
爆
竹
廠
有
惹
火
并
轟
炸
之
虞
是
以
按
該
章
程
第
六
款
示
諭
各
官
暨
該
廠
司
事
人
並
關
涉
人
等
知
悉
如
因
所
開
爆
竹
廠
有
碍
保
存
人
命
民
人
身
家
及
該
處
鄰
舍
者
自
本
日
起
限
三
十
日
內
可
赴
本
衙
呈
明
除
此
外
不
准
呈
稟
茲
出
示
粘
在
常
貼
告
示
處
特
示

辛巳年 十月 初八日 示

Está conforme.

Pedro Nolasco da Silta,
1.º interprete.

Edital publicado no *Boletim da Província de Macau e Timor* de 3 de Dezembro de 1881.

Mas as fábricas, contudo, foram fechando, uma a uma, até aos anos 80, quando praticamente desaparecem. A mão-de-obra diminuiu até ser impossível recrutar operários, atraída pela indústria têxtil e comércio, depois pelos casinos (maior segurança, melhores salários), além das alterações sociopolíticas dos anos 60 na China e em Macau. A concorrência da produção chinesa, avassaladora, ditou o declínio também.

MAS O QUE É UM PANCHÃO?

Um panchão é um cartucho de pólvora revestido por papel de cor vermelha. Segundo a lenda, a sua queima/rebentamento produz um ruído ensurdecedor que afugenta um animal sobrenatural que tem como vício matar pessoas e gado no fim do Ano Novo Lunar chinês. Os panchões não são acesos com fósforos ou isqueiro mas sim com um pivete, ou seja, um pau de incenso, aceso, idêntico aos que são queimados nos templos ou à porta das casas.

A propósito do Ano Novo chinês e dos panchões, o *Glossário do Dialecto Macaense*,² trata também o termo “panchão”. Refere que poderá tratar-se de um neologismo formado a partir do termo chinês *bianpao* 鞭炮 (“cartucho de pólvora revestido por papel”). No *Dicionário Houaiss*, a palavra “panchão” é definida

como termo da pirotecnia e regionalismo de Macau, com o significado de “foguetes chinês queimado nas festividades, esp. no Ano Novo Lunar”, referindo ainda que vem do cantonense *pau-tcheong* 炮仗. Aquele dicionário atribui a primeira atestação do termo ao orientalista Monsenhor Sebastião Rodolfo Delgado, que o incluiu no seu *Glossário Luso-Asiático* (1919-1921). Também o grande sinólogo macaense Luís Gonzaga Gomes, na *Revista de Macau* de 1949, alude a “Panchong ou pauchong” como o “estalo da Índia”.

Até pelo menos ao *handover* de 1999, data extrema a que se reporta este trabalho, a queima de panchões era permitida em qualquer parte do território de Macau. Houve no entanto excepções, como no período relacionado com os eventos do chamado “1,2,3” em 1966, em que foram proibidos durante as convulsões. Mas a permissão viria a alterar-se, mercê das transformações socioeconómicas e políticas na China e em Macau.

Antes, todavia, registaram-se esforços de legislação em torno da segurança na produção e manuseamento destes artificios. Logo nos primeiros anos do século xx, nos alvares desta indústria em Macau, foi produzida regulamentação específica e, mesmo anteriormente, na zona do Bazar, foi também proibida a sua queima devido aos inúmeros incêndios que ali se desencadeavam em virtude da queima dos

panchões. Mas dada a sua importância como ritual, na cultura tradicional chinesa, a proibição quase nunca foi devidamente observada.

Em vários anúncios no Território se chamava à atenção para a segurança no uso dos panchões, com alertas como “Não conservar os panchões acesos na mão”,³ já desde os anos 60. Para essa década pode-se considerar uma inovação, ou precocidade, em termos de segurança e preocupação com os consumidores e utilizadores de panchões. Os acidentes foram sempre frequentes, no uso desta arte pirotécnica, provocando mutilações ou ferimentos, não apenas feios mas até graves.

Ainda assim, os “estendais” de panchões a secar na rua foram mesmo, sempre, uma das marcas e postais de Macau ao longo do século xx, fosse na Taipa, nas Portas do Cerco, em frente ao emblemático Templo de A-Má, na Barra, ou em qualquer rua do território.

COMO ERA UMA FÁBRICA DE PANCHÕES?

Tome-se o exemplo da Kong Hin Tai, talvez a maior das antigas fábricas de panchões.⁴ À entrada, do lado direito do portão da fábrica, ficava a casa do guarda, onde se processava o registo de entrada/saída de trabalhadores e visitantes. No centro do amplo recinto aberto da fábrica – toda ela murada –, achava-se o lago, natural, em cujas margens estavam os depósitos de pólvora, os “paióis”. A preocupação com incêndios, acidentes e explosões era, de facto, grande, como se pode atentar na disposição do espaço da fábrica, que era mais ou menos comum a todas as unidades. Havia mesmo trabalhadores só para combate a fogos e explosões. Cada etapa da produção dos panchões exigia um edifício independente dos demais, de forma a reduzir riscos em caso de explosão. A água era abundante, bem como muitos eram os muros anti-explosão. Um canal ligando

Mulheres agrupando os panchões em forma de hexágono. In *Macau Memórias Reveladas – José Neves Catela* (catálogo de exposição produzido pelo Museu de Arte de Macau. Macau: Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau e Câmara Municipal de Macau Provisória, 2001).



PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE



Crianças pregando pregos de ferro para cobrir a extremidade do invólucro de panchões. In *Macau Memórias Reveladas – José Neves Catela*.

ao mar permitia a permanência de água, não apenas por segurança mas também para transporte embarcado. Também os templos existiam nestas fábricas, como o do deus Lei Chong, “mestre” da pólvora e inventor dos panchões.

Na preparação da pólvora só trabalhavam operários especializados e muito familiarizados com essa actividade. O menor dos atritos podia desencadear a pior das explosões, com efeitos devastadores. Em regra, eram 12 os operários nesta operação, executada em recintos separados por canais de água ou corredores totalmente isolados das demais dependências fabris, ou murados, para evitar desastres. Depois vinham os trabalhadores que misturavam as pólvoras. Trabalhavam sempre de tanga, fizesse frio ou calor, com as unhas das mãos e dos pés sempre totalmente rapadas, por segurança, para evitar quaisquer atritos fatais. Fumar era também proibido, como qualquer actividade que provocasse ou registasse combustões de qualquer tipo.

Depois de preparada a pólvora, esta era encaixada em invólucros previamente manufacturados, o que era executado em secção especial. Depois deste encaixe da pólvora, era enfiado o rastilho/mecha no invólucro. A extremidade do rastilho era então ligeiramente estrangulada na extremidade. Executada esta operação, os panchões eram transportados para a área de empacotamento, sendo aí acondicionados, Seguiam

depois para os armazéns, para daí serem vendidos ou exportados. Todas estas operações eram executadas em compartimentos separados por grandes paredes, com cerca de 1,2m de espessura, de forma a impedir danos noutras secções, em caso de explosões.

Apesar das precauções, o desastre sucedia, com perdas humanas ou ferimentos graves. As explosões na ilha da Taipa, por exemplo, recorda Leonel de Barros, eram ouvidas na cidade de Macau, tal a sua violência. Curioso será referir que estas explosões ocorriam normalmente às primeiras horas da manhã, quando os operários especializados executavam a mistura de pólvora com outros elementos, momento sensível e perigoso. Por isso, estes operários eram muito bem pagos, mas poucos eram os que queriam trabalhar nessa ocupação. Os operários das fábricas de panchões era melhor pagos, em média, que noutras indústrias, refira-se. Todavia, os operários que lidavam com pólvora eram difíceis de recrutar, tenso mesmo que se recorrer a captação na China Continental, embora, neste como noutros capítulos da história dos panchões de Macau, ainda falte um estudo científico de base que possa esclarecer acerca desta indústria. Já os trabalhos menos importantes ou menos sensíveis, mas envolvendo riscos sempre, recorde-se, eram executados por mulheres, raparigas, muitas vezes em idade infantil, que laboravam com grande rapidez de execução, o que explica, de certo modo, os elevados índices de produção diária e as altas fontes de receita desta indústria em Macau.

Mas as preocupações sociais e laborais eram apanágio, poder-se-ia afirmar, da indústria dos panchões em Macau. Além dos diversos depósitos de armazenagem de matérias-primas (enxofre, salitre, clorato de potássio, papel, pó de alumínio, etc.), além das áreas de produção e escoamento, etc., as fábricas possuíam também alojamentos para muitos dos trabalhadores, além de templos, vacarias, estábulos, para serventia do pessoal que trabalhava na fábrica, muitas vezes residente, como já se viu.

Conscientes do trabalho altamente perigoso dos seus funcionários, as entidades patronais proporcionavam também horas livres e descanso acima da média da indústria em Macau. Entre outras regalias, tinham direito a assistência médica na doença e hospitalização, em caso de acidente. Os encargos funerários das vítimas mortais de acidentes de trabalho corriam, normalmente, por encargo da entidade patronal, que concedia à família do defunto

uma pensão, em fracções mensais ou paga de uma só vez. Assim sucedeu, por exemplo, na sequência de uma enorme explosão em 25 de Setembro de 1954, que provocou oito mortos (cinco homens, uma mulher e duas crianças). Os feridos foram trinta (dos quais cinco crianças), recorda Leonel de Barros.

Com efeito, a falta de regras de segurança no fabrico deste tipo de material originou inúmeros acidentes e explosões ao longo da história, para além do relatado. No século XIX sabe-se que eram frequentes, mas as das décadas de 1930 e 1950 foram as mais dramáticas em termos de consequências. Em 30 de Dezembro de 1925 uma explosão fortíssima na fábrica

Toi San teve consequências dramáticas, pois provocou nada mais nada menos que 200 mortos, talvez mais de metade dos operários em laboração.

Na Iec Long, por exemplo, só nos primeiros 20 anos de história registaram-se dez acidentes, embora não se conheçam quantitativos de vítimas mortais ou feridos, embora provavelmente tenham sido consideráveis. Porém, apesar de todos estes riscos, os bombeiros na Taipa, por exemplo, apenas se estabeleceram em 1955. Sendo a Taipa uma ilha quase especializada, industrialmente, em panchões.

De referir que os trabalhadores dos panchões viviam separados do resto da sociedade, em vida, mas

Fábrica de Panchões Iec Long.



PATRIMÓNIO CULTURAL

também depois da morte, se por acidente. A superstição chinesa obrigava a enterrá-los separados, por muros, dos outros mortos, pois eram de nefasta influência...

De referir ainda que mulheres e homens trabalhavam separados, com divisões de tarefas precisas. Mas com a pólvora e suas misturas eram apenas os homens a manusear, tal como no seu transporte.

Só no final do século xx a situação melhoraria substancialmente, embora o fabrico estivesse em curva



descendente em Macau, inexoravelmente. As zonas de comércio e de rebrandamento, porém, passaram a estar separadas, por exemplo.

UMA MEMÓRIA A PRESERVAR: A FÁBRICA DE IEC LONG,⁵ NA TAIPA

Taipa, “ilha dos portugueses”, chamam-lhe alguns. Noutros tempos, a localidade homónima era uma pacata vila luso-chinesa, de casario espriado margem sul da ilha, que já não existe. A Fábrica de Panchões Iec Long é uma das inúmeras fábricas de panchões dispersas pela “Ilha” da Taipa, que caracterizavam, até aos anos 80/90, a actividade económica do Território. Enquanto as outras fábricas se distribuíam pela ilha afastadas dos aglomerados urbanos, a Iec Long localiza-se no limite noroeste do núcleo original da Vila da Taipa, desenvolvendo-se ao longo da Rua de Fernão Mendes Pinto e da Rua Direita (ou de Carlos Eugénio), divisando a oeste com a povoação de Chong Su Mei.

O recinto da fábrica está implantado em aterros muito antigos e consolidados, que estabeleceram a ligação entre a Taipa Grande e a Taipa Pequena – a ilha que em tempos foi a Taipa era antigamente formada por duas ilhas, unidas desde finais do século XIX por aterros. O antigo núcleo da vila da Taipa, próximo da fábrica, situa-se na extremidade sudoeste da que então era a Taipa Grande.

O recinto da Fábrica de Panchões Iec Long ocupa uma área de aproximadamente dois hectares. Fica separado da rua por um muro em alvenaria de tijolo rebocada, em que, no troço que confina com a Rua Direita, é possível observar janelas rasgadas e entaipadas por grelhas de tijolo. Este muro é interrompido por dois edifícios mais altos, que têm igualmente um peso visual de muralha, com grande valor urbano, pela força da sua imagem e pela definição que empresta ao principal eixo viário da Vila.⁶ A configuração espacial interna do perímetro da fábrica é em tudo idêntica ao que acima descrevemos como a tipologia de fábricas de panchões. Ocorrem dois edifícios de maior volumetria e outros de menores dimensões, adjacentes a estes, alguns dos quais são construções simples, quase todas muito degradadas, enquadrando uma área de “praça” a seguir à entrada.

As casas ditas “da pólvora” acham-se “alinhadas” ou agrupadas em conjuntos quadrangulares, separados por grossos muros de taipa rebocada de secção

trapezoidal, como elementos de protecção contra explosões ou incêndios”.⁷ O reservatório (ou lago), o canal de drenagem e os pequenos tanques junto dos edifícios são elementos identificativos da tipologia das fábricas de panchões facilmente identificáveis neste espaço edificado. O estado de conservação do imóvel pode ser considerado mau, ameaçando ruína definitiva. A consolidação de estruturas degrada-se dia-a-dia, com derrocadas pontuais. O muro que separa o recinto da rua é talvez a parte em melhor estado de conservação, tal como a portaria e casa do guarda. Em tudo o mais, a ruína ameaça.

CONCLUSÃO

Não foi ainda assim classificada, nem se encontra protegida totalmente pelo Governo de Macau, mas reúne condições para tal, pelo menos para evitar (ou adiar) o seu fim e transformação em negócio imobiliário. À luz dos critérios de selecção de património mundial da UNESCO, a Iec Long testemunha uma época, uma troca de influências nesse período, no desenvolvimento da arquitectura e da tecnologia, na planificação urbana, na criação de uma paisagem, não apenas industrial mas também natural. É um testemunho único, excepcional, de uma tradição cultural milenar, num espaço chinês sob administração estrangeira. Oferece ainda um exemplo único de um tipo de construção ou conjunto arquitectónico e tecnológico, de paisagem ilustrativa de um período significativo da

história industrial de Macau, provavelmente uma das maiores indústrias empregadoras do antigo império ultramarino português. É ainda exemplo de uma utilização tradicional de um território, representativo de uma cultura e da interacção humana com o meio ambiente. Meio esse que foi defendido pela presença desta fábrica e das suas congéneres, mas que a sua ruína ou desaparecimento podem vir a tornar vulnerável esse mesmo ambiente protegido por uma paisagem industrial única, podendo então sofrer uma mutação irreversível.

Podemos afirmar que a indústria, mesmo perigosa, como a dos panchões, pode ajudar a defender e preservar o meio ambiente, os espaços verdes, áreas sem edificado esmagador, em altura ou com impacto avassalador sobre a envolvente. A área verde em torno dos espaços industriais, como o demonstra a vetusta Iec Long, atesta a vitalidade desses pulmões verdes, também parte integrante da memória de Macau, singular e que urge preservar. Além desta fábrica, poderemos validar também a importância patrimonial dos armazéns ou edifícios de escritórios no Porto Interior, onde se assumem como marcos identitários importantes da traça urbanística e arquitectónica dessa zona vital da península de Macau, onde ainda subsistem, como se pode aferir na Almirante Sérgio, jóias arquitectónicas do passado, que urge salvaguardar e restaurar, adiar a morte de edifícios com um papel importante não apenas na vida matéria do território mas também na imagem e na semiótica de uma cidade. 

NOTAS

- 1 Trigo de Sousa, *Regional Integration and Differentiation in a Globalizing China: The Blending of Government and Business in Post-Colonial Macau*. Tese de doutoramento. Universidade de Amesterdão, 2009, p. 209.
- 2 Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense: Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.
- 3 Ver blog *Macau Antigo*, excelente repositório de informações sobre Macau. Cf. entrada “Panchões” (macauantigo.blogspot.com)
- 4 Recorde-se aqui Leonel Barros, *Tradições Populares: Macau*. Macau: Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), 2004.
- 5 Esta fábrica foi já devidamente estudada do ponto de vista patrimonial e do seu potencial de conservação e reabilitação, destacando-se os

- 6 trabalhos do arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro, a quem vivamente agradecemos a colaboração e informações para este estudo. Veja-se, assim, Francisco Vizeu Pinheiro e Georgina Costa (2005), “Yec Long Firework Factory A Chinese Relic Industrial Architecture”. *Hong Kong Institute of Architects Journal (HKIA)*, 41, 2005, pp. 52-63. Veja-se, do mesmo autor *et al.*, “Preserving Macao Industrial Heritage for a Sustainable Urban Future”, in *Proceedings of the 8th International Symposium on Architectural Interchanges in Asia*, Nov. 9-12, 2010, Kitakyushu, Japan, pp. 475-480.
- 7 Para mais, ver “Panchões” in macauantigo.blogspot.com, com acervo fotográfico antigo e actual.
- 7 *Ibidem*.